

Caipira, brabo e matuto: xenofobias aos migrantes sertanejo-amazônicos em *A selva* (1930), de Ferreira de Castro

Maria Fernanda Teixeira CORREA¹

Sérgio Wellington Freire CHAVES²

Resumo: Na literatura, é possível ver o entrelace entre dois cenários geograficamente distintos: o sertão e a selva. No romance *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro, os sertanejos embarcam em uma busca obstinada por melhores condições de vida, desbravando os seringais e a floresta amazônica, no entanto, encontram diversos desafios, dentre eles: a exploração, a desumanização e o preconceito social. À vista disso, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre as manifestações de xenofobia sofridas pelos sertanejos, além do processo de construção da xenofobia internalizada. Utilizamos uma pesquisa bibliográfica analítica, na qual iremos cartografar e analisar tais termos e situações que evidenciam a xenofobia nesse contexto. Desse modo, desfrutaremos dos estudos de Erving Goffman (2004), no que diz respeito a estigmas e criações de estereótipos que influenciam a identidade social de determinada pessoa ou grupo, Gancho (2006), que aborda a respeito dos elementos da narrativa, entre outros que contribuíram para a pesquisa no geral. Como resultado, o presente trabalho apresenta uma vasta representação das manifestações de xenofobia praticadas contra os sertanejos no romance estudado.

Palavras-chave: Sertanejos; Amazônia; Xenofobia; Ferreira de Castro; A Selva.

Considerações iniciais

O sertão brasileiro é um cenário complexo, marcado por uma série de desafios interligados, os quais vão desde desastres naturais até negligências políticas, gerando impactos socioeconômicos significativos na população sertaneja que acaba enxergando, como única saída, a migração. Essa foi a realidade que muitos sujeitos vivenciaram ao se deslocarem de suas terras para outras regiões do país em busca de melhores condições de vida, sendo o Norte o principal destino. Nesse percurso, não diferente do que já viviam no nordeste do país, enfrentaram diversas adversidades, dessa vez, além da falta de alimento e de direitos básicos, tiveram que lidar com a desumanização e a xenofobia. A persistência dessa última, inclusive atualmente, foi o que motivou esta pesquisa. Nesse sentido, este trabalho pretende conceituar e analisar a xenofobia, aprofundando-se em suas causas, consequências e manifestações contra os sertanejos no romance *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro.

¹ Graduada do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança – Pa. Contato: mafeteixeirac@gmail.com.

² Doutor em Letras (UERN) e professor de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras – FALE, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará – UFPA. Contato: sergiofreire@ufpa.br.

Para abordar as temáticas apresentadas, a pesquisa adotou uma abordagem de caráter bibliográfico, que ajudará a entender o contexto social no qual a obra e a sua história/narrativa estão inseridas, além de compreender o processo migratório sertanejo-amazônico; analítico, a fim de catalogar, observar e analisar as manifestações de xenofobia sofridas pelos sertanejos; e crítico-reflexivo, com o intuito de refletir, criticamente, acerca dessas situações, tomando como base as concepções de teóricos como Goffman (2004), no que se refere à criação de estereótipos, Gancho (2002), que aborda sobre os elementos da narrativa, e entre outros estudiosos para analisar casos xenofóbicos e a motivação por detrás dessa prática. Assim, o presente trabalho resulta da seguinte metodologia: a) leitura do romance a fim de catalogar casos de xenofobia praticadas e sofridas pelos migrantes sertanejos (coleta de dados); b) compreensão do processo migratório sertanejo-amazônico por meio da literatura paraense; e c) análise crítico-reflexiva de tais casos mediante a estudos de teóricos citados anteriormente.

Ferreira de Castro, renomado escritor português, empreendeu uma trajetória singular que o levou a migrar para Brasil, mais especificamente para Belém do Pará, por volta de 1911, com apenas 12 anos. Após sua chegada à capital paraense, partiu para o interior da floresta amazônica, próximo ao rio Madeira, para trabalhar inicialmente como seringueiro e posteriormente como uma espécie de monitor no armazém do seringal. Permaneceu nessa vida por, aproximadamente, quatro anos e foi nesse período que Castro deu início a sua jornada como escritor de contos, crônicas e romance, sendo um deles, o que será aqui analisado.

A Selva teve sua primeira publicação em Portugal no ano de 1930 e, apesar da origem portuguesa, pode ser considerada uma obra de expressão Amazônica, uma vez que a essência de sua narrativa é retratar uma Amazônia com todas as nuances, pluralidades e problemáticas que a constituem. A princípio, sua narrativa retrata a vida de Alberto, um universitário português que migrou para o Brasil e encontra-se em Belém do Pará em busca de trabalho, no entanto, no decorrer do enredo, percebe-se que, além de literária, a obra consiste em um documento social, visto que aborda aspectos reais da sociedade amazônica, que transcendem a vida do protagonista. Dessa forma, evidenciar o cotidiano de vidas injustiçadas é a sua característica mais latente, e, por esse motivo, o romance se configura como uma obra neorrealista, isto é, uma literatura que se compromete em retratar e denunciar questões sociais de determinadas classes ou grupos que se encontram em situação de opressão e/ou desigualdade.

Ao ler *A Selva*, encontram-se algumas similaridades entre o personagem Alberto e o próprio Ferreira de Castro, a exemplo: a origem portuguesa e a migração para o Brasil, bem como o trabalho no seringal deste país. Mesmo com trajetórias de vida parecidas, não se pode

afirmar, conforme Gancho (2002), que ambos são o mesmo, pois personagens são seres, essencialmente, fictícios, e, portanto, uma invenção. Apesar disso, é inegável dizer que as experiências do autor, sobretudo as que experienciou no Brasil, não influenciaram na construção do romance e, especialmente, do personagem Alberto, o protagonista emigrante que vivenciou a realidade dos seringais e presenciou de perto a exploração dos trabalhadores seringueiros da época, assim como Ferreira de Castro.

O enredo ocorre, em sua maioria, no espaço da selva amazônica, e o leitor é levado a esse ambiente quando Alberto aceita uma proposta de emprego para trabalhar como seringueiro no seringal Paraíso, propriedade de Juca Tristão. É também nesse espaço que o conflito principal da narrativa é gerado, isto é, entre a selva e o homem. De acordo Gancho (2002, p. 8), o “conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor.” Dessa forma, a selva, além de ambientar, dá dinamismo à trama, uma vez que pratica e escancara diversas condições, deixando seus personagens vulneráveis às condições humanas, e às condições d’*A Selva*.

Na viagem de Alberto até o seringal, há o primeiro contato com aqueles que se tornariam seus companheiros no seringal: os migrantes e trabalhadores sertanejos. Ainda que possuíssem o mesmo destino de trabalho, o protagonista não conseguia enxergar semelhanças entre ele e seus parceiros de viagem, de modo que em suas reflexões é possível perceber o olhar xenofóbico direcionado a esses viajantes, sobretudo quando questiona se “possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com sua ignorância, que tiravam à vida colectiva a beleza e a elevação que ela podia ter? [...] se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante...” (Castro, 1972, p. 35). Dá-se aí o início da jornada do personagem Alberto e da temática que será trabalhada no decorrer desse trabalho: práticas xenofóbicas aos migrantes sertanejos.

A vinda de sertanejos para a região amazônica justificou-se principalmente pelas oportunidades de trabalho e de meios para sobrevivência, tendo em vista essa área ser (re)conhecida pela extração da borracha, tendo seu ápice nos anos de 1880 a 1910 e, por esse motivo, passa a ser vista como uma terra de promessa, um lugar frutífero, que ofereceria melhores condições de vida àqueles que nela aportassem (Lacerda, 2010). Nesse sentido, supõe-se que a narrativa da obra conversa com o período histórico que remete à 1910 e 1920, momento do declínio da borracha, como fica evidente nessa passagem d’*A Selva*: “A borracha entrara em declive, descendo cada vez mais, e o Verão, reabrindo as trilhas da selva, não trouxera aos

seringueiros nenhum calor de estímulo. Custava-lhes até a quebrar, por tão fraca recompensa [...]” (Castro, 1972, p. 17).

É importante ressaltar que, embora a Amazônia representasse, para muitos migrantes, um recomeço e uma trajetória de prosperidade advindas de seus trabalhos, como ocorreu, por exemplo, com os judeus sefarditas e sírio-libaneses, para a maioria dos migrantes sertanejos só restava a promessa da Amazônia que alimenta, acolhe e prospera. Essa premissa era utilizada com eficácia para facilitar o recrutamento de trabalhadores da região nordeste, que, repletos de sonhos, partiam para um lugar que não era seu. A falta de clareza nas informações e condições de trabalho era recorrente durante essas convocações, de modo que, ao chegar no seringal, o que essas pessoas encontravam era uma realidade diferente daquela que lhes foi prometida. A selva, ou as condições que lá eram submetidos, aprisionava e sugava aquele que nela entrava, logo, os sertanejos eram ludibriados mediante promessas de riqueza rápida e fácil, para, posteriormente, vivenciarem uma exploração, sendo o trabalho análogo à escravidão o que lhes aguardava na maior parte das vezes, como se pode ver a seguir na fala de Firmino, sertanejo e encarregado de ensinar Alberto a extrair o látex:

Eu tenho estado sempre a dever. Não há maneira de me livrar daquela conta! Quando seu Alípio foi ao Ceará buscar pessoal, me disse que um homem enriquecia logo que chegava aqui. Eu acreditei naquelas lorotas e, afinal, ainda não paguei a passagem. Eles, assim que nós chegamos, já não dizem mais coisas bonitas. Vendem tudo muito caro, que é para o seringueiro não arranjar saldo e ficar toda a vida nestas brenhas do diabo (Castro, 1972, p. 106).

Nesse trecho, é possível perceber que a exploração já começava desde o recrutamento, que possuía como um dos seus frutos, a dívida. A viagem do Ceará até os seringais tinha um custo, e o trabalhador enganado só descobria isso ao chegar no destino e local de trabalho, o qual era informado sobre a dívida surpresa em seu nome. Estratégia de exploração, o sistema de aviamento, consistia em uma “troca” entre o seringueiro e o dono dos seringais, que concedia crédito para os trabalhadores em troca da produção de borracha, nesse contexto, esse era o único meio para compras de produtos básicos de sobrevivência e esses mesmos produtos eram vendidos com preços exagerados para aqueles que precisavam, e assim, criava-se uma relação de dependência desses trabalhadores para com os donos dos barracões (Lacerda, 2010).

A situação anteriormente relatada também abre margem para inferências, como: por se tratar do relato de um trabalhador já instalado no seringal, é provável que as dívidas e promessas enganosas fossem uma experiência comum a todos os seringueiros, incluindo os que estavam ali presentes, aqueles que os antecederam, e ainda os que viriam. Dessa maneira, era corriqueira

a prática de enganar, com promessas artificiosas de riqueza rápida e fácil, indivíduos que viam nesse processo um caminho para garantir sua sobrevivência e de sua família.

Essa não foi a única adversidade que eles enfrentaram, pois ao chegar ao novo território vinha a certeza de que ele trazia consigo novos desafios. A recepção era totalmente árdua, como exemplo disso, tem-se a maneira como eram tratados e denominados pelos que já estavam ali. A esses migrantes novatos, sobretudo os cearenses, era dado o apelido de “brabo”, o incivilizado, selvagem, aquele que não conhece o território e que precisaria se situar. Além disso, esses indivíduos mal conseguiam comprar alimento para se sustentarem, já que, como supracitado, o dinheiro que ganhavam com o fruto do seu trabalho era praticamente inexistente, já que tinham sua mão de obra explorada pelo dono do seringal, nesse caso, Juca Tristão. Além da má alimentação, moravam em casas com condições sub-humanas, que segundo o narrador, eram:

Presas por cipó [...], já que resistiam, entortando-os, aos pregos mais valentes, as paxiúbas, se ali houvesse frio, matariam com pneumonias a todos os habitantes. Mas nos trópicos havia apenas a temer a luz, que se introduzia por todas as frinchas e os seringueiros aproveitavam como despertador natural [...] (Castro, 1972, p. 94-95).

Desse modo, percebe-se que além do protagonista Alberto, outros personagens também apresentam certa complexidade, não sendo apenas personagens secundários e/ou planos, mas redondos, completos (Gancho, 2002), haja vista a caracterização física, moral e social deles. A exemplo disso, tem-se o espaço que o narrador dá a esses personagens para falar de suas vidas, como se vê na fala de Firmino, companheiro de Alberto, que diz “[...] Sempre que penso na minha terra, sinto uma coisa, aqui, na garganta...” (Castro, 1972, p. 107). Nesse fragmento, além da questão sentimental dos personagens ou sua dramaticidade diante da situação vivida, fica evidente também o desejo de voltar para casa, no caso de Firmino, personagem sertanejo, para o sertão. Assim, entende-se que Ferreira de Castro traz como temática do romance estudado não apenas a vida e a jornada do português Alberto, mas os desafios da sobrevivência que os seringueiros enfrentavam, sobretudo, os sertanejos, que estão presentes na narrativa desde a ida ao seringal até a instalação de Alberto nele.

O enredo segue uma ordem cronológica de tempo, ou seja, os fatos ocorridos na obra têm um seguimento linear, a atuação de um narrador é essencial numa narrativa para correlacionar os fatos ocorridos nela e, conseqüentemente, estabelecer essa noção de tempo. Em *A Selva*, o narrador não apenas narra esses fatos e constrói essa linha temporal, mas é onisciente, uma vez que sabe tudo da narrativa e dos próprios personagens, segundo Gancho (2002, p. 20), “[...] ele sabe [até] mais que os personagens.”, pois também consegue ler e

demonstrar aos leitores o que pensam e sentem; é, também, onipresente, visto que se faz presente em todo o enredo e em todo fato ocorrido. No fragmento: “Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo se sentia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente.” (Castro, 1972, p. 75), vê-se a onisciência do narrador, ele repassa as sensações sentidas pelo personagem ao leitor melhor do que o próprio personagem poderia demonstrar.

Ferreira de Castro é conhecido por muitos críticos como escritor do realismo social e diante da leitura d'*A Selva*, é possível perceber o porquê de tal fama, pois dentre as várias temáticas e histórias individuais que ele retrata dentro de sua obra, o senso de justiça e de luta social se fazem constantes em sua escrita. Assim, voltando à temática da migração sertanejo-amazônica, ou, mais especificamente à xenofobia sofrida pelos migrantes sertanejos dentro desse processo, buscou-se, com esta pesquisa, analisar de que forma essa prática aconteceu, bem como a sua motivação e de que maneira ela é manifestada no romance, ora pelas falas dos próprios personagens, ora pelas do narrador, mas que tampouco elas se distanciam da realidade social da época e a atual, diante de tantos preconceitos direcionados aos sertanejos no cenário nacional.

As xenofobias catalogadas na obra são tão intensas que é possível notá-las até mesmo direcionadas aos objetos dos sertanejos, evidenciando um preconceito social enraizado e devastador, que não contente em discriminar a identidade dessas pessoas, transferia também o desprezo às coisas do trabalhador, como suas vestimentas e utensílios pessoais. Esse preconceito era proferido com o intuito de colocá-los ou designá-los a uma posição social inferior àquela de quem praticava tal ato, desse modo esse discurso atua “[...] como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.” (Foucault, 1996, p. 53), ou seja, é por meio do discurso que a realidade se molda e tal prática tem impacto ativo na sociedade. Neste caso, o uso desse discurso xenofóbico impactou fortemente a visibilidade social desse povo, que até o presente carrega marcas deixadas por uma sociedade que perpetuou uma visão preconceituosa e xenofóbica.

No romance em análise, observa-se a persistente presença da xenofobia em relação aos sertanejos, evidenciando como esse preconceito foi inserido na sociedade da época e como, mesmo atualmente, muitos indivíduos ainda carregam esses estereótipos. Por essa razão, a pesquisa analisou alguns casos de manifestações de xenofobia sofridas pelos sertanejos, pois, embora o romance seja da década de 30, entende-se que esse é um aspecto ainda existente no

presente. A partir disso, surge a importância de trabalhar esse assunto, que abre margem para reflexões essenciais, tanto para a sociedade, no que diz respeito a história e a identidade dos sertanejos, quanto para a ciência, visando evidenciar a Literatura paraense, não ela por ela mesma, mas ela pela história de uma nação e de um povo. Além disso, buscou-se, indiretamente, representar a relação entre as regiões Norte e Nordeste do Brasil, que possuem uma grande relevância na compreensão da cultura desse grupo de pessoas.

Conceituando xenofobia: um fenômeno social multifacetado e enraizado na sociedade

No geral, entende-se xenofobia como o preconceito étnico ou cultural, praticado contra quem é estrangeiro, seja ele de outro país ou região (em caso nacional). Esse termo carrega diversas causas e consequências, que acabam tornando-o complexo e multifacetado. Nesse sentido, será feita uma discussão terminológica e sociológica desse tema vinculado ao objetivo que foi aqui traçado. O termo xenofobia advém da terminologia grega *xenos* (estranho) e *phobia* (medo) podendo ser, desse modo, caracterizada pelo medo do que é de fora, do novo, ou desconhecido. Conforme o dicionário Aulete, xenofobia significa “aversão a pessoas e coisas estrangeiras” (Xenofobia, In Aulete Digital, 2024), e no Michaelis, o termo refere-se ao “Temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente” (Xenofobia, In Michaelis, 2024), logo, xenofobia consiste em uma repulsão àquilo que é estranho.

É partindo desses conceitos que o presente trabalho propõe uma análise aprofundada do termo, em um contexto específico: a xenofobia regional. Nesse caso, a prática se manifesta como um preconceito contra indivíduos de outras regiões de um mesmo país, e não de nações diferentes, como é comumente utilizada. Desse modo, procura-se demonstrar que o ato de repugnar aquilo/aquele que difere do seu contexto, mesmo em um mesmo país, gera preconceito, discriminação, e a exclusão, o que acaba marginalizando o imigrante interno. Raymond Taras (2008, apud Amaral, 2016) classifica xenofobia como o medo do estrangeiro, que por possuir uma cultura diferente da localidade a qual agora pertence, ameaça a identidade cultural da nação hospedeira, dessa maneira, esse preconceito ocorre devido a uma ideologia nacionalista que consiste em negar tudo o que é diferente ao habitual da sua própria nação. Diante disso, percebe-se a existência de um orgulho nacional fortemente presente na causa da prática xenofóbica, haja vista a exaltação da nacionalidade que, nesse ponto de vista, é melhor e superior a tudo o que diverge e não condiz ao contexto cultural de determinada nação.

Essa visão etnocêntrica, que rejeita o diferente, é um ponto de surgimento para a xenofobia, haja vista a intolerância social e cultural do outro, seja de outra nação ou, no caso

d’*A Selva*, de outra região do próprio país. Adorno et al (1965, apud Kohatsu, Saito e Andrade, 2021, p. 127) aborda o conceito de etnocentrismo como “[...] ideia de uma centralização étnica, da aceitação apenas do igual e ódio às culturas diferentes. [...]”, à vista disso, percebe-se uma posição social ilusória, porém totalitária, de poder, uma vez que se acredita em uma supremacia cultural, sobre isso Vitoriano e Vitoriano (2018, p. 102) falam que “o etnocentrismo é a análise do mundo de acordo com os parâmetros de nossa própria cultura. Essa diferenciação cultural gerou condutas preconceituosas e desqualificadoras em relação a pessoas de nosso ou de outro país ou região [...]”, desse modo, entende-se o etnocentrismo como uma das causas da xenofobia, uma vez que tal situação é bem recorrente quando se trata do contato de estrangeiros com pessoas de outras culturas.

Goffman (2004) discorre sobre o estigma associado a uma pessoa estranha (que não se conhece ainda ou é de diferente cultura) ou “estigma do estranho”, que consiste em uma relação de “atributo e estereótipo”. Antes de conhecer ou falar com alguém, criam-se algumas concepções do sujeito, e estas, quando não atendidas/alcançadas, evoluem para a criação de um estereótipo, pois, a partir do momento em que o estranho não atende às expectativas culturais, físicas ou sociais que outro criou sobre ele, passa então a ser repudiado e não aceito pelo grupo majoritário. O mesmo acontece com estrangeiros, já que, antes de conhecê-los, criam-se algumas concepções baseadas na cultura local, para ilustrar: quando um sertanejo vai para o sul, ele é visto como “matuto”³ e a partir dessa designação se constroem alguns estereótipos, isto é, são vistos como pessoas simplórias, ingênuas e desprovidas de acesso à educação formal. Esses estigmas ocasionam consequências ardilosas no migrante, como, por exemplo, a discriminação, a exclusão social e a desumanização.

Conceituar e entender xenofobia está para além do significado literal da palavra, posto que ela é, na verdade, um fenômeno social que está articulado com outras práticas de preconceito, que aqui foram discutidas: etnocentrismo e estigma. Tais fenômenos partem de uma causa central: a repulsão pelo estranho, que acabam gerando diversas consequências que impactam negativamente a vítima, principalmente quando atingem um nível exacerbado, como as supracitadas discriminações, exclusão social e desumanização, entre outras práticas vinculadas à intolerância ao diferente. Sobre esse último, Amaral (2016, p. 8) enfatiza que é um aspecto fortemente causado pela xenofobia devido à ideologia etnocêntrica:

³ Segundo o dicionário digital Michaelis (Matuto, 2024), este termo refere-se “[à]quele que vive na zona rural, tem pouca instrução e modos rústicos e canhestros”. Disponível em: [Matuto | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#)

[...]Nela, constrói-se uma valorização exaltada do próprio [...] e uma deflação desvalorada e aviltante do outro (de cultura distinta), existe um processo de “desumanização” do outro, convertendo-o a um nível de uma ‘coisa’, desprovido de humanidade, montando-se então o palco para violência direta (Amaral, 2016, p. 8).

Essa visão de superioridade constrói-se, muitas vezes, de uma exaltação desproporcional e acrítica da própria cultura ou nação que nega a existência cultural de outros lugares, bem como a humanidade do ser que não pertence a essa cultura, e como manifestação dessa crença criam-se estereótipos e preconceitos que inferiorizam o outro, o qual, por sua vez, deixa de ser visto como ser humano e passa a ser tratado como objeto desprovido de humanidade.

Vê-se, desse modo, que o preconceito está intrinsecamente ligado a essas práticas (xenofobia, etnocentrismo, estigma) devido à falta de tolerância para com o outro. Segundo Osório e Schafer (1995, v. 714, p. 329), “o preconceito representa uma ideia estática, abstrata, pré-concebida, traduzindo opinião carregada de intolerância [...]”, ou seja, ignora a diversidade e não se baseia em fatos, quem pratica o preconceito tem visões preestabelecidas que não aceita o que diverge da sua concepção de cultura e sociedade. O fenômeno social xenofobia está fortemente internalizado na sociedade e articulado com outros fenômenos, como anteriormente colocado, que juntos constituem uma gama de práticas que marginalizam determinada pessoa ou grupo sociais, e as consequências desse ato “podem se manifestar de diversas formas como as gestuais, faladas e escritas, e, normalmente intuem ofender e/ou diminuir outrem em virtude de características da personalidade, escolhas, procedência nacional, traços físicos.” (Vitorino e Vitorino, 2018, p. 96).

Xenofobia enraizada em preconceitos sociais: a xenofobia advinda do outro

De acordo com Rafael (2008 apud Ramos, 2023, p. 16), “a discriminação não advém apenas da nacionalidade, mas também das questões étnicas e sociais”, ou seja, não é hegemônica ou acontece de forma isolada, mas existem outros fatores que contribuem para essa prática, como o preconceito social, que perpetua a ideia de superioridade de um grupo social sobre outros. Em *A Selva*, há a presença de muitas falas/fragmentos que evidenciam a xenofobia indiretamente manifestada pelos preconceitos sociais e suas consequências. Esses fragmentos foram selecionados com base no que foi discutido sobre xenofobia e o que a constitui, nesse sentido, esses casos serão aqui apresentados, a partir da fala dos personagens e do próprio narrador que, por sua onisciência, descreve, com clareza, a visão dos personagens que praticam e sofrem tal ato.

O personagem Balbino, trabalhador de Juca Tristão e responsável pelo transporte de seringueiros ao seringal, é dono de uma personalidade violenta e intolerante, que muitas vezes menospreza os sertanejos pelo tratamento dado a eles e pela forma que os referencia. A exemplo disso, tem-se duas falas, já no início do romance, que demonstram essa prepotência e arrogância vinculadas a uma postura autoritária expressada por ele: “[...] O que mais me custa é que esses caipiras malditos me tenham comido por tolo!” (Castro, 1972, p. 16), nessa fala identifica-se a forma pejorativa e o desprezo que se tem com os sertanejos, ele os descreve como “caipiras”. Segundo o dicionário Michaelis, esse termo significa “Indivíduo simples, ingênuo, tímido, de pouca ou nenhuma instrução e hábitos rudes, em geral habitante do campo[...].” (Caipira, 2024), à vista disso, o personagem inferioriza-os, uma vez que o termo foi utilizado no mesmo sentido, ou em sentido semelhante, ao seu significado original, fazendo com que o leitor interprete que os sertanejos, aos quais ele se refere, são pessoas sem nenhuma instrução. Dessa maneira, é perceptível a presença do preconceito social dentro do significado e sentido dessa palavra, utilizada para se referir a pessoas que vivem no campo ou interior, dando margem a uma visão classicista, bem como o que acontece no romance estudado.

Outra fala destacada pertence também a Balbino, e traz consigo o mesmo sentido da frase anteriormente analisada: “Era dizer a eles, como quem não quer a coisa, que não é qualquer matuto que ganha mandioca na cidade” (Castro, 1972, p.16), nesse fragmento, vê-se que o referido personagem, novamente, apresenta uma visão distorcida da realidade, sugerindo uma suposta superioridade que tem em relação a esses migrantes, com posição social diferente da sua. Observa-se também nesse trecho outro termo usado para se referir aos sertanejos: “matuto”, que diz respeito “[...] aquele que vive na zona rural, tem pouca instrução e modos rústicos e canhestros” (Matuto, In Michaelis, 2024) e “[...] quem é rústico, ignorante, ingênuo” (Matuto, In Aulete Digital, 2024).

Essa posição preconceituosa pautada em estereótipos internalizados sobre os sertanejos se assemelha a discussão de Goffman (2004) sobre estigma, uma vez que o processo de preconceções estabelecidas e não alcançadas que se tem em relação ao outro, sobretudo o que não pertence a sua própria cultura, ocorre nesse cenário. Diante desses exemplos, infere-se que essa visão preestabelecida dos sertanejos cria e estabelece um tratamento desumano para com esse povo. Em *A Selva*, identifica-se isso primeiro por meio das condições de viagem no navio Just Chermont e posteriormente pelo modo que o narrador se refere a essas pessoas que, como dito anteriormente, expressa a visão e sentimentos dos personagens do romance.

Sobre as condições de viagem no Just Chermont nota-se, no seguinte fragmento, que não havia preocupações com os passageiros trabalhadores, quando observada a descrição do ambiente insalubre em que viajavam: “[...] O convés, ao contrário do de cima, era húmido, sujo e escorregadio. Dir-se-ia que visco fluido e repulsivo se exalava de toda a parte, estendendo-se sobre a pele, furando até os poros” (Castro, 1972, p. 30), nesse trecho o narrador descreve minuciosamente o convés no qual estão os sertanejos, para que o leitor tenha uma visão detalhada da situação na qual eles se encontravam. A sensação de abafamento, má ventilação e falta de higiene contribui para uma noção opressora, sufocante e repulsiva do ambiente, intensificando a total, ou quase total, falta de humanização, mostrando as condições precárias da viagem.

Além dessa, outra passagem d’*A Selva* que exemplifica essa desumanização como consequência da xenofobia, corresponde a postura indiferente e exploratória de Balbino. O trecho: “[...] Passou por ele com um «Boa tarde» seco, [...], e foi abranger, [...], o grupo dos contratados. Via-se que a sua visita se realizava para tranquilidade dele próprio e não pelos outros, pelos que se comprimiam cá embaixo, no convés viscoso e nauseabundo.” (Castro, 1972, p. 44, grifo do autor), indica que não há preocupação com o bem-estar dos trabalhadores, mas em mantê-los sob controle, reduzindo-os, dessa maneira, a objetos desprovidos de humanidade e com valor apenas econômico, por esse motivo, tratando-os com desdém e indiferença. Além do tratamento e das condições inóspitas que os sertanejos se encontravam, pode-se ainda evidenciar essa desumanização relatada nas falas do próprio narrador d’*A Selva*, considerando a sua descrição minuciosa dos fatos e situações ocorridos no romance. Chama-se atenção, nesses próximos fragmentos, para os dois termos grifados: “Todo o *rebanho*, porém, se humilhava, incerto nos passos a dar e evocando, ainda com terror, a viagem do Ceará até ali.” (Castro, 1972, p.33, grifo nosso) e “[...] Balbino desceu à terceira e, receoso de novas fugas, reuniu o *bando* inteiro para lhe dizer, rude e autoritariamente, que não autorizava ninguém a desembarcar.” (Castro, 1972, p. 53, grifo nosso), as palavras “rebanho” e “bando” denotam o sentido de animais, selvagens, desordenados e sem organização formal, evidenciando a submissão dos sertanejos aos padrões e a ausência de sensibilidade no trato com esses indivíduos.

Esses sentidos não se distanciam do contexto ao qual as palavras foram utilizadas, se considerarmos, por exemplo, a compreensão da natureza do processo de desumanização (Amaral, 2016), que é tratar esses sujeitos como animais para fins lucrativos (Rebanho, 2024), obtendo total controle sobre eles. Portanto, cabe dizer que essa utilização demonstra a

vulnerabilidade e submissão dos sertanejos em dada circunstância, que inegavelmente precisavam do seu patrão para viver, ou ainda, representa as condições desumanas, e o ambiente opressor, em que eram postos a sobreviver.

Xenofobia internalizada: a xenofobia que vem de dentro

Nessa perspectiva, após tantas falas, situações e condições desumanas que os sertanejos passaram no romance, é presumível que todas essas manifestações de preconceito sejam internalizadas por eles. À vista disso, há a existência de um conflito interno entre como eles se enxergam e como a sociedade os vê (Goffman, 2004), nesse sentido pode-se dizer que quando a xenofobia é intensiva e constantemente praticada contra os sertanejos, eles acabam internalizando-a, de modo que passam a reproduzir essas atitudes e comportamentos preconceituosos em relação a outras pessoas do seu mesmo grupo. Nesse sentido, tem-se o seguinte trecho da chegada desses trabalhadores no seringal Paraíso:

A chegada de «brabos», os novos legionários que o Ceará e o Maranhão enviavam à selva, provocava sempre risos e chocarrices daqueles que já se tinham estreado na vida da terra insubmissa e de costumes singulares. E se o recém-vindo se melindrava, humilhado pela recepção imprevista, os algozes folgazões não o largavam mais, deleitando-se em persegui-lo com todas as facécias que podiam inventar contra a sua inexperiência. Enervava-os, inconscientemente, que alguém acreditasse ainda naquilo de que eles já desciam; e os remoques só terminavam depois de o «brabo» se ter familiarizado com os segredos da vida local e resignado ao extermínio das suas próprias ilusões (Castro, 1972, p. 76, grifo do autor).

No geral, compreende-se que os sertanejos que já estavam no seringal se viam como superiores àqueles que chegavam e, por esse motivo, utilizaram esse termo de forma pejorativa para referir-se aos novatos. Essa ideia ilusória de ser superior aos novatos é construída ao longo do processo de adaptação no ambiente e, principalmente, pelas manifestações de xenofobia sofridas por eles até a instalação e vivência no seringal, ou seja, é um preconceito que é paulatinamente internalizado neles.

O termo “brabo”, quando utilizado para se referir aos sertanejos recém-chegados, denota uma carga irônica do “seringueiro principiante, sem experiência” (Brabo, In Michaelis, 2024), ou familiaridade com os desafios da Amazônia. Essa ironia, no entanto, não se limita a uma mera crítica, pois sua motivação discursiva é responsável por sugerir uma complexa teia de processos que já foram aqui explorados. Por outro lado, a palavra também carrega um simbolismo positivo, sendo utilizada para se referir a pessoas corajosas (Brabo, In Aulete Digital, 2024) e fortes, que são termos também utilizados para descrever a personalidade sertaneja, que carregam em si, a bravura para enfrentar os desafios da vida, do sertão e da selva.

Outro ponto que merece atenção é quando o narrador cita que o trabalhador sertanejo está “[...]resignado ao extermínio das suas próprias ilusões” (Castro, 1972, p. 76), referenciando a complexa adaptação e o choque que resultou de suas expectativas contra a realidade hostil do trabalho na Amazônia. A riqueza dessa frase está em sua ambiguidade, que abre margem para uma interpretação profunda, sugerindo a morte de uma parte da identidade desses trabalhadores, uma vez que abdicam de sonhos, desejos e, inevitavelmente, de si. Mas seria essa premissa a que se sobrepõe, quando analisamos, por exemplo, as discussões trazidas até aqui? A resposta é não. Certamente, esses migrantes sertanejos e trabalhadores dos seringais abdicaram de muito em prol de melhores condições para si e sobretudo para seus familiares, no entanto, eles nunca perderam a esperança, a fidelidade e a saudade para com o seu local de origem, prova disso é a constante vontade de retorno e regresso.

Logo, essa realidade e o cotidiano rodeado de opressão, preconceitos e as renúncias constantes que eram feitas para a permanência naquele lugar nocivo, colaboravam para a inevitável negação de seu próprio grupo, isso, de forma inconsciente e internalizada. Por esse motivo, entende-se que a xenofobia internalizada foi consequência desse processo, fazendo com que em alguns momentos ocorresse a negação do próprio grupo cultural e, conseqüentemente, de si próprio, tal negação no romance se traduz no ato de praticar preconceitos contra outros membros da mesma cultura. Portanto, embora a xenofobia internalizada esteja presente, não há propriamente um esquecimento de quem se é, mas sim uma necessidade de aceitação, por meio de uma prática que os façam, de alguma forma, se sentirem superiores. Dessa maneira, a preservação do amor e a vontade de regresso para sua terra foi a chama que alimentou a força do trabalhador sertanejo para suportar os desafios constantes, e para manter viva sua essência, mesmo diante das adversidades.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, esta pesquisa obteve um resultado bastante positivo e significativo acerca do fenômeno social xenofobia, suas causas e conseqüências sob o viés do romance *A Selva*, de Ferreira de Castro. Essa obra comporta-se como um documento social, sendo de grande importância para a literatura paraense e nacional, visto que retrata as condições precárias e desumanas de trabalho e viagem, bem como o tratamento dos migrantes sertanejos, além de dar pauta para diversos outros temas que podem ser pesquisados no romance, haja vista a diversidade de denúncias sociais que Ferreira de Castro aborda na obra, como a exploração e desumanização que derivam do preconceito social e da xenofobia.

Os exemplos destacados foram escolhidos conforme o objetivo de pesquisa, cuja presente consta na análise dessas manifestações de xenofobia para com os migrantes sertanejo-amazônicos, que sofreram severamente em busca de melhores condições de vida. Além disso, cumpriu o objetivo em conceituar a xenofobia e evidenciar como ela ocorre no romance por meio das falas, situações de tratamento desumano e discriminatório devido ao preconceito social.

Referências

- AMARAL, Rodrigo Augusto Duarte. Violência Cultural: Xenofobia, Terrorismo e o Advento da Intolerância nas relações transnacionais. **Anais da Semana de Relações Internacionais – O Sul Global: De Bandung ao Século XXI**, São Bernardo do Campo, SP, Brasil, v. 1, 2016.
- BRABO. In: **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital, 2024. Disponível em: [Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de brabo](#). Acesso em: 22/05/2024.
- BRABO. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: [Brabo | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 22/05/2024.
- CAIPIRA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: [Caipira | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 19/05/2024.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. São Paulo: Editora Verbo, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2004.
- KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, PF de. Imigração, mídia e xenofobia: A ameaça imaginária em questão. **Teoria crítica, violência e resistência**, p. 125-146, 2021.
- LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 – 1916)**. 1. ed. Belém: Açai – Centro de memória da Amazônia / PPHIST – UFPA, 2010.
- MATUTO. In: **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital, 2024. Disponível em: [Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de matuto](#). Acesso em: 25/05/2024.
- MATUTO. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: [Matuto | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 25/05/2024.
- OSÓRIO, Fabio Medina; SCHAFER, Jairo Gilberto. **Dos Crimes de Discriminação e preconceito: anotações à Lei 8.088, de 21-9-1990**. Revista dos Tribunais, v. 714, abr. 1995.
- RAMOS, Valéria Bueno de Castro. **Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a História como propositora de vivência intercultural**. Editora Dialética, 2023.
- REBANHO. In: **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital, 2024. Disponível em: [Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de rebanho](#). Acesso em: 20/05/2024.
- VITORINO, Cleide Aparecida; VITORINO, William Rosa Miranda. Xenofobia: política de exclusões e de discriminações. **Revista Pensamento Jurídico**, v. 12, n. 2, 2018.
- XENOFOBIA. In: **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital, 2024. Disponível em: [Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de xenofobia](#). Acesso em: 08/05/2024.
- XENOFOBIA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: [Xenofobia | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 08/05/2024.

Abstract: In literature, it is possible to see two geographically distinct scenarios intertwining: the arid sertão region and the jungle. In the novel *A Selva/The Jungle* (1930) by Ferreira de Castro, the sertanejos, people from the arid sertão region of the Brazilian northeast, embark on an obstinate search for better living conditions, exploring the natural rubber farms and the Amazon rainforest, although, along the way, they encounter several challenges, including exploration, dehumanization and social prejudice. Therefore, in this work, we aim to reflect on the manifestations of xenophobia suffered by the sertanejos, in addition to the process of construction of internalized xenophobia. We use analytical bibliographic research, in which we will map and analyze such terms and situations that highlight xenophobia in this process. In this scenario, we will benefit from the studies of Erving Goffman (2004), in which he argues about stigma and the creation of stereotypes that influence the social identity of a given person or social group, Gancho (2006) regarding the elements of the narrative, among others that contributed to research in general. As a result, the present work presents a vast representation of the manifestations of xenophobia practiced against the sertanejos in the studied novel.

Keywords: Sertanejos; Amazon; Xenophobia; Ferreira de Castro; *A Selva/The Jungle*.